

M447 Meiron, Julio, Org. e Outros
Trans Posição Francisco. / Organização de Julio Meiron, Márcia Vaitsman, Evandro Carlos Nicolau, Luiz Mizukami,
Jarbas Galhardo e Paula Tubelis. - São Paulo: Annablume, 2009. (Coleção [e] Editorial).
137 p. il.; 23 x 18 cm

Edição bilingue Português / Inglês da Expedição Francisco - um atelier flutuante no Rio São Francisco

ISBN 978-85-7419-963-4

1. Cultura. 2. Arte. 3. Criação Artística. 4. Diversidade Cultural. 5. Diversidade Social. 6. Projeto Expedição Francisco.
7. Rio São Francisco. 8. População Ribeirinha. 9. Simbologia. I. Título. II. Série. III. Meiron, Júlio. IV. Vaitsman, Márcia.
V. Nicolau, Evandro Carlos. VI. Mizukami, Luiz. VII. Galhardo, Jarbas. VIII. Tubelis, Paula.

CDU 781
CDD 700

Catalogação elaborada por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

TRANS POSIÇÃO FRANCISCO

Projeto Gráfico

Pascal Glissmann
Marcia Vaitsman

Revisão

Públio Athayde

[e] editorial

Antonio Vicente Pietroforte
Eva Batlickova
Gustavo Bernardo
Ivan Antunes
José Roberto Barreto
Vanderley Mendonça

1ª edição: julho de 2009

© Julio Meiron, Marcia Vaitsman, Evandro Carlos Nicolau, Luiz Mizukami, Jarbas Galhardo e Paula Tubelis

[e] editorial é uma publicação da

ANNABLUME editora . comunicação
Rua Martins, 300 . Butantã
05511-000 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidas 3031-1754
www.annablume.com.br

Intercâmbio

Por Evandro Carlos Nicolau

Um rio se inscreve na paisagem, leito grafado, água que se deposita num sulco a percorrer um trajeto. De um ponto a outro conduz o olhar distante, distraído, ignoto ao interior desconhecido, mas formador de si, identidade encapuzada, diluída no vazio do sertão.

Conhecido como o Rio da Integração Nacional, O Velho Chico, apelido carinhoso do Rio São Francisco, grafa nas terras nordestinas uma das

linhas mais importantes do desenho que se foi traçando para projetar o que hoje chamamos de Brasil. É em seu leito navegável que transitam a cultura, os frutos e os produtos da terra, o modo de vida do Nordeste em trocas com o Centro-Oeste e o Sudeste brasileiros, que muitas vezes não enxergam este universo tão particular e rico do país. Um desenho cuja percepção política e econômica não se percebe como tal. Traçado pela natureza e tornado rota fluvial humana, o rio expõe o conflito entre culturas e ecossistemas díspares, que na verdade são partes integrantes do todo.

Do desenho, compreendido na etimologia latina como *desígnio*¹, uma vez que estava lá pela sua essência natural, querem extrair novas linhas,

erodir novos sulcos e canais, pintando com água lugares secos do sertão. Homens com poder de expressão, capazes de mover, riscar por cima de um desenho cuja autoria transcende o demasiado humano. Para o bem do homem fazem isso?

Delicada questão, hercúleo esforço e ação, transpor as águas do Velho Chico, mudar, pelo poder da técnica e do engenho, o desenho que a natureza fez e ofereceu ao usufruto humano.

As cabeças pensam, olham para interesses imediatos e particulares, e os políticos dizem: é necessário. É a água para o povo, a engenharia é capaz. Mas o eu será que consegue olhar para o outro neste embate de ideias? Há uma subversão da natureza, homens artistas a redesenhar um rio, o São Francisco. O desenho natural pode ser repensado, há na humanidade uma intenção criadora, um manejo dos ambientes para adaptação de suas necessidades de sobrevivência. Esta capacidade, porém, precisa ser raciocinada a partir de diversos pontos de vista, percebida, ao máximo possível, em sua integralidade. Nesse sentido, é que o desenho, reconhecido neste texto de um modo mais amplo que linhas delineadas sobre papel, situado na geografia, física e humana, na paisagem natural e cultural, deve ser considerado. Não é evidente, pois não se trata de uma noção cotidiana, mas interferir na natureza é produzir um desenho. O próprio termo transposição é usado na geometria, e, como conceito, trata da ideia de alterar, de levar de um lugar a outro, ou mesmo transferir uma forma de um plano a outro pelo desenho. Ignorar o desenho pode ser

a ignorância da própria presença humana no mundo e a consequência é agir sem saber como, nem por quê.

Conhecer pelo desenho é conhecer o espaço. Percorrer uma linha é compreender sua estrutura, verificar sua expressão, sua geografia, física, política, humana. Um grupo de artistas a navegar pelo rio segue esta linha natural e vivencia a experiência da tensão, do esforço, do trabalho que move e diagrama o movimento recortado na terra pela água correndo pelo canal. Em específico, dentro deste grupo, trataremos do trabalho performático que Deyson Gilbert e Luísa Nóbrega realizaram ao longo da Expedição Francisco, que investigou, entre outras coisas, a tensão, a relação entre o eu e o outro, a dimensão conceitual do que seja desenho e sua participação estrutural na interferência do humano na natureza.

A performance do casal teve como referência o trabalho do artista alemão Franz Erhard Walter, publicada em forma de desenho descritivo e fotografia no seu livro *Diagramme zum 1. Werksatz*². O trabalho em questão chama-se Intercâmbio e procura discutir a visão. O

livro de Walther tem uma série de registros de performances e o desenho está presente como descrição, como orientação dos procedimentos que os artistas-performers devem adotar para reproduzir o trabalho. No caso específico de Intercâmbio, Walther propõe que se crie, pelo encapuzamento, um canal de visão entre duas pessoas. O objeto é uma “linha” feita de tecido, costurada na forma de um tubo e com uma abertura em cada extremidade onde os usuários colocam a cabeça. Se o tubo do capuz ficar frouxo, os usuários se aproximam, mas não se veem. Para que um possa olhar para o outro é necessário que se coloquem os corpos em tensão, que se produza uma força que ao mesmo tempo se expande e se contrai. A possibilidade de visão, de um olhar, enxergar, ver o outro, se dá pela relação de forças que une e separa os corpos ao mesmo tempo. No movimento, os músculos se expandem e descansam na tensão gerada pelo tecido estendido, devido à contração muscular e ao repesamento da força. Ao colocarem a cabeça no tecido (linha que os une) não se veem de imediato, é graças ao esforço que a produção da tensão vai aos

oucos possibilitando que um olhe para o outro. Realizar esta performance ao longo do trajeto da expedição metaforiza, em aproximação artística, o debate acerca da transposição do rio São Francisco. Mais que isso, nos causa sensação de afastamento, percepção indireta do desenho ignorado pelo senso comum, em debate que pouco se preocupa com o quê ou como desenhamos, projetamos, o país em que vivemos na chamada integração nacional. Se não houver atenção para com o desenho, transposto para a dimensão política, econômica e social que o Brasil produz, rasa se torna a reflexão. Superficial e incapaz de observar com maior perspicácia os diversos fatores e atores que estão em jogo na transposição geográfica de um rio, a importância do São Francisco. Neste aspecto, ainda cabe ressaltar que Luísa Nóbrega fez toda viagem de olhos vendados e, mesmo durante performance Intercâmbio, permaneceu sem trocar seu companheiro, Deyson, que estava de olhos abertos. Este dado, de um participante da ação estar “cego”, amplifica a percepção de uma comunicação que, ao mesmo tempo em que é interrompida, é vivenciada, completa

e incompleta. Há a possibilidade de ver, mas, pela própria vontade, um se mantém cego. Às vezes, ver demais atrapalha o compreender com profundidade. Não ver amplia o sentir sensorial, a percepção com o corpo todo, que produz desenho pela sua própria movimentação no trajeto. Olhar também envolve outros aparatos sensoriais, além dos olhos há o tato, um modo pleno, apesar de aparentemente deficiente, de estar no mundo, deixando a experiência penetrar nos poros, na vida.

Pensando o rio pelo desenho, ele se configura como uma linha que liga diversos pontos ao longo de seu canal. Nascido no interior do país, ao longo dos seus 2700km de extensão, banha os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, e recebe água de algo como 168 afluentes, dos quais 99 são perenes. Entrecortado por hidrelétricas, que represam e dão vazão a suas águas, é um rio já repleto de tensões, de interesses, de riquezas e de dificuldades ao longo de seu percurso. O São Francisco nasce na Serra da Canastra em Minas Gerais, um lugar repleto de água, cachoeiras, e belezas de uma paisagem de Cerrado. Ao longo

de sua extensão, muitas são as cidades, os modos de vida, o jeito de ser e de conviver com este manancial.

No campo da cultura, na qual a arte é expressão de destaque, as tensões são evidentes. A expressão, ou sentido do que seja arte, de sua manifestação na sociedade, é muito diferente entre as populações regionais pequenas e as metropolitanas. Este fator de incomunicabilidade é mais um sintoma da ausência de trocas culturais entre centro e periferia, interior e capital, urbano e rural, Nordeste e Sudeste. No mais das vezes, tem-se em mente a procura por levar conhecimento, ciência ou tecnologia para o interior, como imposição de uma “cultura” mais adiantada frente a comunidades que carecem de “progresso”. É óbvio que educação, ciência e tecnologia, amplitude cultural e todas as formas de valorização do que a humanidade construiu como conhecimento são fundamentais para qualquer contexto social. Porém, o que há de saberes, costumes, arte, tradições e modos de vida não pode ser desprezado em oposição à hipotética superioridade da cultura e do desenvolvimento do Sudeste. As culturas



do sertão, quase sempre vistas como modelos estereotipados, se distanciam da cultura do litoral. Longe de terem uniformidade entre si, as culturas sertanejas carregam sutis diferenças que as caracterizam silenciosamente, mas que se apresentam no modo de ser de cada lugar. É a integração nacional que, no campo cultural, ainda está por se fazer, que precisa se resolver por meio de uma postura aberta às diferenças, com respeito e esforço. Acostumado a olhar para fora, o observador litorâneo ignora o interior, ou o vê como inferior. Uma troca que se inviabiliza pelas cabeças encapuzadas na acomodação que as mantêm no escuro da frouxidão inerte. Sem esforço, o eu e o outro não se comunicam, não se enxergam e assim não se conhecem de fato, apesar de habitarem o mesmo território, próximo e distante. Há uma tensão entre interior e litoral que produz invisibilidade, alteridade e identidade em conflito. Diante disso perguntamos: como enxergar com mais amplitude sem se esforçar? Existe algum ator “cego” neste processo, incapaz de ver e respeitar o outro por vontade própria. Num mundo movido à velocidade da luz, espera-se resolver os problemas com soluções de curto

prazo. As novas tecnologias de informação, os números da economia, nos quais *time is money*, aceleram assuntos, às vezes, unilateralmente. A percepção da passagem do tempo na urbanidade metropolitana difere do tempo sertanejo, que se integra na natureza como parte do mesmo sistema.

A aceleração colocada na transposição talvez desconsidere a relatividade temporal, correndo o risco de atravessar o ritmo e desestruturar a harmonia que ignora. Soma-se a isso a relação de forças políticas, notadamente nas estruturas de poder que se constituíram no Nordeste, que historicamente encobrem situações, manipulam comunidades e atuam em prol de favorecimentos de grupos específicos. Uma política de interesses particulares que se sobrepõem ao coletivo e comunitário. As muitas revoltas sertanejas que foram dizimadas e abafadas pelo Estado brasileiro são pouco conhecidas ou validadas na nossa história. Por outro lado, se o benefício é manifesto na eficiência da técnica, há que se resolver o problema rapidamente. Relativizar o tempo e o espaço, conseguindo perceber o que deve ser preservado e o que pode ser alterado,

talvez seja o grande desafio da transposição do Velho Chico. São fatores que denotam uma crise do olhar como investigação, princípio de conhecimento, aprofundamento de análise e reconhecimento de elementos que ainda permanecem obscuros. Temos nos constituído como observadores de superficialidades, que veem o mundo em tela plana, sem profundidade, numa visão assoreada pelo volume de informação pré-fabricada.

O que ainda há para conhecer do sertão que não aparece na televisão e nos meios de comunicação? Navegar o rio, sentir seu traçado no corpo, ampliando a percepção, experimentando de outro modo o desenho, é uma ação de investigação de uma alteridade existente e invisível. A tensão presentificada pelo traçado da linha do Rio São Francisco se conjuga na distensão entre muitas realidades diferentes, que esgarça relações imbricadas em seus pontos. Como o já dito, transpor o rio não é um tema que deva ser conduzido de forma maniqueísta. Há uma teia de ações e intenções que se entrecruzam em relações de força e de disputa num dos patrimônios naturais e culturais que

fundamentam a condição do Brasil como nação. A linha, para o desenho, é a ligação entre dois pontos. Porém o que temos são vários pontos, constituindo várias linhas, em trama que se apresenta como desenho de maior complexidade. Os dois pontos tensionados pelos artistas, em suas variações nas diversas sessões ao longo da expedição, traduzem-se em pontos de vista, em perspectivas diferentes a cada posicionamento performático. No contexto, temos os artistas em sua apresentação, temos as cidades e comunidades ribeirinhas, temos o Rio São Francisco, temos a luz, temos a sombra, os olhos e a venda em traços se sobrepondo. O capuz encobre as faces, mostra um modo de viver cegado. A observação dos encapuzados pode nos levar, como espectadores, a pensar, a imaginar o que os *performers* sentem, veem, experimentam na ação viva de desenhar com o corpo todo. Durante a viagem, Deyson e Luísa vão se colocando em relação à paisagem, ora se integrando, ora se destacando, traçando, em muitos pontos, uma breve linha, num breve instante, sobre o leito do Rio São Francisco. Quem vê esta relação dos artistas com a

paisagem somos nós, espectadores, o casal age, propõe debate, realiza um exercício de arte. Imagem particularmente interessante é a fotografia da performance sobre a barragem de Sobradinho, em que o tecido preto cruza a linha do rio, em mais uma paráfrase da sua possível transposição.

O desenho está plenamente presente neste aspecto, na sua condição de linha. Mover, mexer, erodir o rio em canais, nos eixos norte e leste, expõe as tensões de um Brasil, possuidor de suposta identidade e integração, que permanecem ocultas no jogo de interesses transparentes. Vestir-se de preto, cobrir o rosto em esforço para ver o outro talvez seja necessário, na metáfora que só a arte pode desvelar, no intuito de encontrar um desenho de nação que ainda estamos por fazer.

Notas

¹ Segundo a etimologia da palavra desenho, que em sua origem latijã é derivada do verbo *designare*, que significa desígnio de Deus, algo que é descrito, escrito, previsto para realização. Pensamento platônico em que a ideia de desenho é vista como o conceito que advém da forma, o *eidos* grego, cujo significado determina sua função, um conteúdo que, ao mesmo tempo em que carrega um sentido intrínseco, é criado e projetado para existir no mundo.

² WALTHER, Franz, E. Franz Erhard Walther: Diagramme zum 1. Werksatz. München:Kunstraum, 1976.

